



"Apontamentos para uma História do Cinema Paraense"

Januário Guedes

Mestre em Comunicação - UFRJ e professor da UFPA. Cineasta.

Uma historiografia mais completa da produção cinematográfica no Pará ainda está por ser realizada. Da produção dos primeiros tempos - já que o cinema chega a Belém no início do século, logo após o seu nascimento em 1895 -, e daquelas décadas mais próximas de nós, temos notícias através de nossos críticos de cinema mais assíduos, como Pedro Veriano e Luzia Alvares. São levantamentos e registros do passado, essenciais para que não se perca a memória da expressão audiovisual entre nós. Do passado mais remoto, esses registros, garimpados em publicações e depoimentos de sobreviventes, são os únicos testemunhos. Quanto à produção mais recente (a partir da década de 1950) ela existe dispersa, guardada em arquivos não muito apropriados de instituições e de particulares. Registros e arquivos que, aliás, precisam ser sistematizados e preservados, se quisermos ser concorrentes com nossa contemporaneidade.

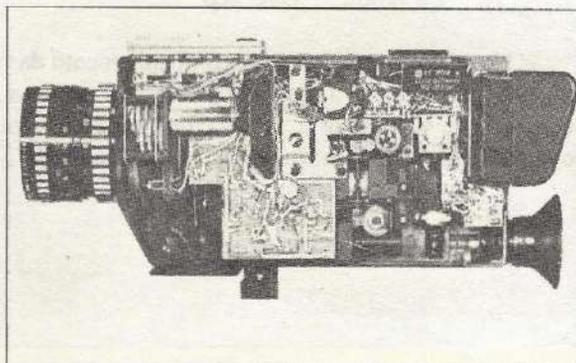
Nossa intenção aqui é a de contribuir, de modo preliminar e ainda precário, para o registro dessa memória da produção audiovisual no Pará. Essa contribuição se dará na forma de depoimento de alguém que participou, e ainda participa, do esforço de realização cinematográfica em Belém, desde o início dos anos 70. É precisamente a esse período que se referem, basicamente, as informações aqui registradas - passo inicial de um pretendido projeto historiográfico mais amplo, - embora façamos referência ao imediatamente anterior ao nosso, com o qual mantivemos algum contato.

A formação cinematográfica da nossa geração, como a da maioria dos realizadores do país, deu-se de maneira informal. Foram nossas "escolas", inicialmente, os Cine-Clubes que, ao final dos anos 50 começaram a se multiplicar pelo Brasil. Dois Cine-Clubes, de maneira especial, estão presentes na "alfabetização cinematográfica" dos realizadores paraenses: O Cine-Clube da Casa da Juventude e o Cine-Clube da APCC. Foi dali, a partir da visão dos filmes, dos debates, e dos cursos de cinema, que nasceu na maioria de nós a vontade e a decisão de fazer cinema em 16mm e Super - 8mm, bitolas acessíveis aos amadores da época.

Sabíamos da existência de uma produção cinematográfica local, que se manifestava através dos cine-jornais e documentários de Milton Mendonça, dos documentários institucionais de Fernando Melo e dos documentários e, principalmente, dos longas-metragens de Libero Luxardo.

Milton Mendonça, desde a década de 1940 e até o início dos anos 60, produziu uma grande quantidade de cine-jornais e documentários em 16mm e preto e branco. Parte dessa produção ainda existe, guardada no MIS (Museu da Imagem e do Som de Belém) e na Cinemateca do MAM/RJ, a espera de recursos para a sua restauração. Milton possuía também um laboratório para revelação e cópia em preto e branco, da mesma maneira que Fernando Melo. Este último, além disso, era documentarista e, principalmente para nós, dono da única oficina de conserto de máquinas e equipamentos cinematográficos do norte do Brasil. Com estes dois, nosso contato foi maior, já que começamos a filmar em 16mm (o Super - 8mm veio depois) e eram eles que revelavam e copiavam nossos filmes e consertavam nossas câmeras.

Libero Luxardo era, basicamente, cineasta. Sua produção, quando o conhecemos, havia retomado o longa-metragem de ficção, depois de ter se restringido ao documentário e ao cine-jornal durante as décadas de 1940/50. O contato com os jovens interessados em fazer cinema não era muito prestigiado por ele. Mas admirávamos,



Câmera Super 8mm



especialmente, sua coragem em investir na produção de filmes todo o recurso pessoal que havia acumulado em suas outras atividades. Dessa "loucura" resultaram os quatro únicos filmes de longa-metragem genuinamente paraenses da história de nosso cinema: "Um dia qualquer", "Um diamante e cinco balas", "Marajó, barreira do mar" e "Brutos inocentes". Foram filmes que, mesmo mal distribuídos e sem nenhum sucesso de público ou crítica, alcançaram o circuito nacional, mas levaram o cineasta à ruína financeira. Infelizmente, poucas coisas das realizações de Líbero Luxardo resta, ao menos que seja do conhecimento público.

Esses foram nossos antecedentes na produção profissional de cinema no Pará, com os quais guardávamos em comum, que do ponto de vista estético ou ideológico, pouca coisa além de amor ao cinema. De qualquer modo, aprendemos com eles, principalmente com Milton Mendonça e Fernando Melo, fundamentos técnicos importantes. O resto foi adquirido com um autoditatismo regido por muita paixão.

Quanto ao cinema amador dessa época, nossos contatos foram poucos e se devem, basicamente, através de nossa participação nos cine-clubes, onde éramos, então, apenas cine-clubistas e não realizadores.

Além de Pedro Veriano - que desde os anos cinquenta realizou alguns curtas (aliás "curtíssimos" filmes em 16mm), como: "Um Caso Difícil"; "O Grande Lutador"; "O Deus de Ouro"; "Um Professor em Apuros"; "O Acidente"; "O Desastre"; "A Visita"; "O Vendedor de Pirulitos"; "O Brinquedo



"Brutos Inocentes"



Líbero Luxardo

Perdido", "Belém, resumo" e "Círio" -, a década de 1960 vê surgirem novos cineastas que, em 16mm e Super - 8mm, dão continuidade à resistente trajetória do cinema paraense. São dessa época filmes, como: "Círio, outubro 10" de João de Jesus Paes Louvino e Edvaldo Martins em Super - 8mm; "O Menino e o Papagaio" de Pedro Veriano e Acyr Castro, ficção em 16mm, inacabado; "Colégio Santo Antonio", documentário em 16mm de Jesus Paes Loureiro, com fotografia de Fernando Melo; "Vila da Barca", documentário em 16mm de Renato Tapajós (escritor e cineasta que hoje vive e trabalha com cinema e vídeo em São Paulo) com roteiro de Acyr Castro e Isidoro Alves.

Chegamos aos anos 70, e seu início traz uma maior efervescência de realizações cinematográficas. Além do 16mm, bitola semi-profissional, cujo acesso era restrito dado o seu custo, havia agora o Super-8mm, com uma possibilidade menos dispendiosa para quem queria fazer cinema.

Com o patrocínio do Cine-Clube da APCC, do Centro de Estudos Cinematográficos da UFFa, Banco Sul-Brasileiro, USIS e Gráfica D. Luís, entre outros, Luzia Miranda Alvares, crítica de cinema de "O Liberal" realiza duas mostras de cinema amador em Belém, em 1975, reunindo filmes em 16mm e Super - 8mm. Em 1976, a mesma Luzia Alvares coordena a realização da, até agora, única mostra regional de cinema da Amazônia, incluindo-se nela, além das bitolas menores, uma retrospectiva de filmes de Milton Mendonça e Líbero Luxardo, em 35 minutos.



A década de 1970 registra a maior quantidade da produção do cinema paraense. As mostras locais levaram incentivo aos realizadores que, a partir daí, passaram também a comparecer com seus filmes às jornadas e festivais de cinema por todo o Brasil.

São dessa época a entrada em cena de realizadores, como:

Ademir Silva, que, junto com Miraci Silva e Euclides Bandeira, realiza em 16mm o filme "Círio", resultado de um concurso de roteiros patrocinado pela Embrafilme e Prefeitura de Belém. Hoje Ademir vive nos Estados Unidos e trabalha ainda com fotografia e cinema, após uma passagem pelo Rio de Janeiro onde, entre outros trabalhos, fez a 2ª assistência de câmera para Lauro Escovel em "Bye, Bye, Brazil" de Cacá Diegues;

Sandra Coelho de Souza, realiza desenho animado em 35mm, produzido pelo Cine-Clube da APCC, denominado "Manosolfa", com roteiro de Maria Silvia Nunes. Não temos informações sobre a continuidade do trabalho de Sandra no cinema no exterior, onde passou a residir;

João de Jesus Paes Loureiro, não é propriamente um estreante, pois, como vimos, já estava ligado à realização cinematográfica na década anterior. Neste período, realiza em Super - 8mm "Alegria de uma cidade" e "O Forte", ambos documentário-ficção. Após algumas outras tentativas inacabadas como "Cobra Norato", Paes Loureiro abandonaria a realização cinematográfica;

Vicente Cecim, realiza em Super - 8mm "Sombras", "Malditos Mendigos", "Sem Comentários", "Matadouro" e "Rumores", Cecim parece ter abandonado a realização cinematográfica para literatura e hoje vive e trabalha em Salvador, Bahia, como publicitário;

Francisco "Mou" Carneiro, realiza em 16mm "Quimera" (com fotografia de Januário Guedes) e "História de uma pudicícia", ambos ficção. Em Super - 8mm, "Eu faço, tu fazes", ficção. Carneiro tornava-se assistente de fotografia de Jorge Bodanzky, quando este vem filmar no Pará o seu longa-metragem "Iracema" e segue com ele para São Paulo onde continua a trabalhar com fotografia de cinema. Está há mais de 10 anos em Moçambique, onde trabalha com cinema e televisão;

Paulo Chaves Fernandes, realiza em 16mm algumas experiências em Belém. Vai em seguida para o Rio de Janeiro em busca de profissionalização no cinema. De sua estada no Rio resultam dois filmes em 16mm, "Esmagamento Cerebral", documentário em co-autoria e filmado em Belém e "Céu de Anil", ficção utilizando marionetes. Paulo retorna a Belém, abandonando a realização cinematográfica, mas a



"Bay-Bay Brasil"
com José Wilker

retoma na década de 1980 para realizar um filme denominado "Mala Brasileira";

José Luis de Campos Ribeiro, realiza em Super - 8mm "Círculo Fechado I" e "Círculo Fechado II". Profissionaliza-se como cinegrafista e documentarista e depois envereda pela produção de vídeo. Vive e trabalha com vídeo, atualmente, em Brasília;

João Januário Furtado Guedes, nossa atividade como realizador cinematográfico começa no início da década de 1970, com a realização do documentário em 16mm "Procissão" sobre o Círio de Nazaré. Seguem-no "Siria" documentário sobre a dança folclórica do mesmo nome e "Os pecados do lago Arari", inacabado. Em Super - 8mm, passamos a realizar os filmes "Festa de São Pedro na Vigia", documentário; "Um breve alento" e "As aulas da Academia", ficção; "Os funcionários prestam uma homenagem espontânea a Sua Exª." e "Visitação de Alcântara", ficções-documentários. Voltando ao 16mm realizamos, no final da década, "Chão, terra, lugar de morar", documentário sobre a luta pelo direito de morar dos sem-tetos de Belém. Continuamos a produzir na década de 1980, realizando em 16mm "Ver-o-Peso", ficção-documentário em co-autoria; os filmes inacabados "Tó-Teixeira" em co-autoria com Chico "Mou" Carneiro e "Paranatinga, nativo do câncer", ambos documentários. Além disso participamos de outros filmes paraenses, como roteirista e diretor de produção, além de fazer a produção local de "Bye, bye, Brazil", de Cacá Diegues.



"Cine Clube
APCC" - 1978

Ainda na década de 1970, entre realizadores cuja ligação com a produção cinematográfica em Super - 8mm foi eventual e esporádica, podemos citar: Francisco Rosário Conte, com a ficção "Paisagens"; Orlando Estrela Pinto e Sérgio Palha Figueiredo, com a ficção "O lago dos pingos dourados"; João Augusto Proença, Heitor Bordalo e Ronaldo Moraes Rego com a ficção "...Segundo as escrituras"; Lobato da Costa, com os documentários "Os Búfalos do Marajó" e "Belém Show", além dos filmes científicos "Pesquisa Urológica entre Índios", "Nefrectomia" e "Cristolitotomia"; Mário Lúcio Klautau, com a ficção "Permanência" (em co-autoria com Vicente Cecim); Luis Maurício Pena da Costa, com o documentário "As mangueiras de Belém"; Amintor Bastos, com o científico "Hernia Abdominal"; o grupo "Acredita no Balão que ele voa" (entre seus integrantes estavam José Carlos Jardim, Afonso Klautau e José Luis de Campos), com a ficção "Festival"; Osmar Pinheiro Jr. e José Negri, com a ficção "Detritos"; Anibal Pacha Corrêa, com a ficção "A Pasta".

Como único dos "velhos cineastas" da década de 1970 que permaneceu em atividade em Belém, de certo modo desempenhamos um papel de elo de ligação com a geração que surge com os anos 80. Essa ligação se dá tanto com o repasse de conhecimentos sobre a linguagem e a técnica do cinema, através de cursos e oficinas, como com o trabalho de organização dos realizadores paraenses, primeiro na ABD/Pará - Associação Brasileira de

Documentaristas, Secção do Pará e, depois, no Crava - Coletiva de Realizadores de Audiovisuais da Amazônia. A ABD-Pará foi o resultado da participação cada vez maior dos cineastas paraenses em jornadas e festivais de cinema no Brasil. Seu papel era de agregar os documentaristas de todo o Brasil na luta pelo desenvolvimento, não só local, mas nacional do curta-metragem.

Quanto ao CRAVA, ele é o responsável direto pela passagem do cinema paraense contemporâneo de sua pré-história à sua história, como costumamos dizer com auto-ironia. Ele surge a partir da luta pela criação de um pólo de produção regional. Em 1984, Pedro Jungman, cineasta brasileiro, radicado à época na Alemanha, veio dar um curso de cinema na UFPa e, de mudança para o Brasil, traz para cá todo o seu equipamento. De repente, tínhamos em Belém câmera 16mm, moviola, nagra, equipamento de transcrição de som, enfim, uma unidade de produção completa.

Os planos de Jungman para residir em Belém não deram certo e ele resolve ir embora, oferecendo antes, à venda, seu equipamento. Mais de um ano durou a luta para retê-lo em Belém. Juntamente com Paulo Chaves e a ajuda do Conselho Nacional das ABDS, conseguimos que a Embrafilme bancasse a compra dos equipamentos, desde que encontrássemos um parceiro no local. Conseguimos que a Prefeitura de Belém, através de sua Secretaria de Cultura fosse este parceiro. Com isso se implantou o projeto do CRAVA - inicialmente denominado Centro de



Recursos Audiovisuais da Amazônia e, posteriormente, Coletivo de Realizadores de Audiovisuais da Amazônia. Seus objetivos, além da produção de filmes, vídeo e audiovisuais em geral, são o de atuar na pesquisa da memória visual da região; na ação cultural com a imagem na educação; na realização de cursos, seminários, palestras e oficinas, destinados à formação de mão-de-obra; na realização de mostras, festivais, jornadas e na exibição alternativa de filmes.

Foi intensa a atuação do CRAVA nos dois primeiros anos de sua criação. Conseguem realizar em primeiro e mais completo curso de treinamento para técnicos de cinema nas áreas de produção (foram alunos: Aníbal Pedro, Ana Catarina, Moisés Magalhães, Alan Guimarães), fotografia (alunos: Peter Roland, Gerson Barros, Diógenes Leal), com (alunos: Sônia Freitas, Abdios Pinheiro Jr.) e montagem (alunos: Aníbal Pacha, Ana Catarina, Sônia Freitas e Miguel Chikaoka). A partir do curso, foi realizado um filme em 16mm, "Ver-o-Peso". Realizou, em seguida, mostras, seminários, cursos outros, e palestras. Conseguiu a aprovação, na Câmara dos Vereadores de Belém, de uma lei municipal criando um fundo para a produção de audiovisuais, formado com o repasse do ISS pago pelas casas exibidoras de filmes de Belém. Por problemas devido a falhas técnicas na elaboração do projeto, até hoje a lei não pode ser regulamentada, impedindo com isso a chance de se criar, de maneira permanente, o tão sonhado pólo de produção de cinema no Pará.

Mas, a existência de equipamentos em Belém, permitiu que se passasse a produzir daí em diante em cinema menos amador e com melhor acabamento técnico em 16mm.

Paulo Clóvis Fernandes, realiza o filme de ficção-documentário "A mala brasileira", produzido pela UFFPa./ Casa de Estudos Germânicos;

João Januário Guedes, realiza "Ver-o-Peso" (com a co-direção de Sônia Freitas e Peter Roland), documentário-ficção, premiado no I Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro como o melhor som na categoria curta-metragem em 16mm (técnicas de som: Sônia Freitas e Abdios Pinheiro); filma dois documentários inacabados: "Tô Teixeira" (de parceria com Chico "Mou" Carneiro) e "Paranatinga, Nativo de Câncer", sobre o poeta Rui Barata; faz a co-autoria do roteiro e a direção de produção do filme "Carro dos Milagres" (de Moisés Magalhães);

Sônia Freitas, participa do coletivo que realiza o documentário "Caiera", produzido pela UFFPa/ Casa de Estudos Germânicos; é co-diretora do filme "Ver-o-Peso" (com Peter Roland e Januário Guedes);

Peter Roland, participa do coletivo que realiza o documentário "Caiera" e faz a co-direção do "Ver-o-Peso" (com Sônia Freitas e Januário Guedes);

Edna Ramos, pesquisadora da UFFPa, realiza dois filmes documentários; "Marias da Castanha" e "Fronteira Carajás", com apoio da Fundação Ford;

Moisés Magalhães, realiza a ficção "O Carro dos Milagres", baseado no conto homônimo de Benedito Monteiro;

Val Sampaio, dirige o documentário-ficção Olímpia, produzido pela Casa de Estudos Germânicos, UFFPa;

Alan K. Guimarães, filma a inacabada ficção, "Pássaro de Papel".

Podemos ainda citar a realizadora Flávia Alfinito, que apesar de exercer atividades no Rio de Janeiro, realizou com alguns outros paraenses na equipe, o filme de ficção "Chuvvas e Trovoadas" com temática local.

Os técnicos de cinema que foram formados na década de 1980 pelo CRAVA, continuavam a atuar, além dos filmes citados, na publicidade, na televisão e em eventuais produções de cineastas de outros estados e países. Não poderíamos deixar de citar entre eles, Diógenes Leal pelo papel que desempenha na área técnica do atual cinema paraense. Diógenes é o homem-dos-sete-instrumentos do nosso cinema. Atuou ora como diretor de fotografia e câmera, ora como técnico de som, eletricitista, diretor de produção ou fazendo a manutenção dos equipamentos, em todos os filmes realizados pelos cineastas locais nas décadas de 1980/90.

Hoje, 1995, o cinema paraense vive a crise que se estabeleceu na produção cultural do país. Enquanto se movimentavam para voltar a realizar seus filmes em película, os cineastas mais antigos e os novos realizadores, trabalham com o vídeo e a televisão, no esforço de se manterem em atividade na produção da imagem de sua terra. De todo modo, o resistente e persistente cinema paraense, vive...

Referências Bibliográficas

VERIANO, Pedro. Cinema amador em Belém I, Uma aventura no Eldorado, Belém, Pará: Jornal "A província do Pará", 20 e 21 de agosto de 1989.

_____. Cinem Amador II, Belém, Pará: Jornal "A Província do Pará", 17 e 18 de setembro de 1989.

GUEDES, João Januário Entrevista à Coluna "Panorama" do jornal "O Liberal" Belém, Pará, 13 de outubro de 1985.

_____. Relatório de atividades do CRAVA, Belém, Pará, julho de 1985